



III EREPEG
Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para
o Ensino de Geografia
Campina Grande – novembro/2016

**REMINISCÊNCIA DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA POR MEIO DO
ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

José Ronaldo Oliveira da Silva¹

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
ronaldooliveira341@gmail.com

Resumo

O presente artigo é fruto de uma experiência pedagógica vivenciada mediante o estágio supervisionado em Geografia, realizado em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio da região metropolitana de Campina Grande -PB. Nesse, propõe-se relatar as observações efetuadas durante o período de estágio dando ênfase as relações de ensino aprendizagem existentes na sala de aula, assim como, os problemas de saúde que acometem esses profissionais da educação. Sob o olhar de teóricos como Carlotto(2002), Cavalcanti(2008) e Cavalieri(2009) abre-se uma discussão acerca das práticas pedagógicas adotadas na atualidade como forma de reflexão do atual cenário de desinteresse do alunado. Além disso, compartilho minha primeira experiência em regência destacando a importância desse momento na formação do futuro docente, onde é possível a realização da práxis pedagógica reflexão/ ação.

Palavras Chave: Estágio- Ensino- Geografia- Experiência- Memórias.

Introdução

Vivenciar o cotidiano escolar a partir do estágio supervisionado é uma experiência de grande importância para o discente compreender na prática as inter-relações existentes entre professor-aluno no espaço escolar, antes vista de forma teórica na academia. Desse modo, o estágio proporciona aos futuros professores observar a prática pedagógica, assim como, adquirir mesmo que de forma limitada experiência acerca de seu futuro ambiente de trabalho.

Nesse contexto, Passerini (2007, p. 30) apud. Januário (2010) afirma que “o es-

¹ José Ronaldo Oliveira da Silva, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino, Meio Ambiente e Cidade (GEMAC)Unidade Acadêmica de Geografia (UAG), Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande-PB. Brasil.

tágio supervisionado é aquele que o futuro profissional toma o campo de atuação como objeto de estudo, de investigação, de análise e de interpretação crítica [...]”. Sendo assim, é importante guardarmos e analisarmos cada memória adquirida durante as 40 horas de observações referente as relações pedagógicas e cotidianas entre professor e aluno, para assim, entender como estes dois seguimentos atuam no espaço escolar. Fica evidente que é na prática que se pode vivenciar e compreender a dinâmica que permeia a profissão docente como aponta Santos Neta e Andrade, (2011, p.1/2).

O Estágio em geografia é mais uma etapa importante que necessita de dedicação e concentração de esforços, porque, além das teorias discutidas e aprendidas no processo de formação o novo profissional colocará em exercício suas qualidades pessoais para analisar situações e desenvolver suas habilidades como docente no ambiente da instituição que estagiar. (SANTOS NETA e ANDRADE, 2011, p.1/2).

Quanto a ministração de uma aula, o estagiário se depara com uma situação “nova”, mas que é esperada desde o primeiro dia que iniciou o curso, muitos questionamentos e incertezas permeiam esse campo, e sobre esse ponto Pimenta e Lima (2004, p.99) apud Barbosa (2014) afirmam que “o estágio supervisionado, para os alunos que ainda não exercem o magistério, pode ser um espaço de convergência das experiências pedagógicas vivenciadas no curso, e sobretudo, uma contingência de aprendizagem da profissão docente.”

Sendo assim, o estágio proporciona aos discentes vivenciar o cotidiano da profissão, contemplando pontos positivos e dificultosos existentes no mundo educacional no qual estaremos inseridos brevemente.

Análises e observações com os docentes

Observar as relações existentes no espaço da sala de aula não é algo tão simples como se imagina, pois, os alunos que ali estão trazem consigo uma bagagem de experiências conflitantes que vão desde problemas familiares à questões sociais que ultrapassam os muros da escola.

Nesse contexto, o papel do professor vai muito além de mediador do conhecimento, mas sim, de “orientador” que usa o conhecimento pedagógico para ajudar a promover uma boa relação, pois, sem a cooperação de ambas as partes o processo de ensino e aprendizagem não acontece. Com base nessas afirmações, Cavalcanti (2008) aponta que a prática do ensinar é realizada por sujeitos que tem experiências, pessoais, emoções, crenças, conhecimentos acadêmicos, conhecimentos cotidianos, que são

acionados no processo de trabalho, transformando-se em dispositivos teórico-práticos da ação (práxis).

Diante do exposto, podemos considerar que o desempenho do professor, referindo-se agora, a sua postura didática diante de seus alunos depende de um conjunto de fatores que o ajudará na sua vida profissional, no entanto, ao observarmos o cotidiano de uma sala de aula, percebemos que o mesmo padece de inúmeras limitações sobretudo na estrutura oferecida.

Um ponto que necessita ser revisto como pude perceber é quanto a disponibilidade de recursos didáticos, resumidos geralmente, a figura do livro didático que ainda é utilizado como cronograma de temas a serem trabalhados em sala de aula. Lembro-me perfeitamente dos meus dias de aluno do ensino básico como essa prática era corriqueira e agora como estagiário vejo que ela vêm se perpetuando até os dias atuais. Ramos (2012) aponta o quão relevante é a inserção desses materiais no âmbito da sala de aula.

Os recursos didáticos são mediadores do processo de ensino-aprendizagem e estão em vários tipos de materiais e linguagens, como: os livros didáticos, paradidáticos, imagens de satélite, mapas gráficos, músicas, poemas, fotografias, filmes, videoclipes, jogos entre outros e, bem empregados e utilizados com propostas adequadas em sala cria uma maior participação entre professor e aluno (RAMOS, 2012).

Realmente, não é fácil inovar quando muitos elementos como o próprio tempo destinado a aula não ajuda, o elevado número de turmas também não permite ao professor diversificar sua prática. Um elemento que deve ser exaustivamente debatido nos ambientes formadores de professores se refere ao perfil do alunado da Educação básica, um alunado que salve algumas exceções “parece” cada vez menos se importar com estudos.

Sobre este fator podemos levantar alguns questionamentos como o porquê de tanto desinteresse? Será que o saber escolar tornou-se obsoleto diante das novas tecnologias? Onde está o fator gerador? Qual o suporte oferecido pela família? Será que a escola ou até mesmo o sistema educacional realmente preza por uma metodologia estimulante que prepara o aluno para torna-se um cidadão crítico e não um analfabeto funcional? Alguns desses questionamentos até já possuem resposta, mas, que nem sempre surgem como solução para diversos problemas que se instalaram no meio escolar. Desse modo, Libâneo (2003, p.23) apud Cavaliere (2009), argumenta sobre como as escolas e professores devem refletir diante do atual cenário de construção do conhecimento, que não se dar mais só em âmbito escolar,

A escola está precisando rever os processos, os métodos as formas de educar, de ensinar e de aprender. Os professores e professoras precisam compreender que a escola não é mais, na atualidade, a única forma de transmissão do saber, o qual pode ser obtido em vários lugares, tais como, nos meios de comunicação, nas empresas, nos clubes, no dia-a-dia de qualquer pessoa. (LIBÂNEO, 2003, p.23 apud CAVALIERE, 2009)”.

É necessário que haja um debate mais caloroso entre a sociedade e o poder público envolvendo os profissionais da área que estão lidando diariamente com esta temática. Partindo deste argumento, acredito que diversos problemas como o de saúde por exemplo, se torne menos frequente nos profissionais da área da educação e nesse caso, o do professor advém de conflitos existentes no espaço escolar e, principalmente dentro da sala de aula. Sobre esse fator a CNTE (2012) aponta que,

“Embora não haja um levantamento nacional sobre o número de afastamentos de professores e funcionários por motivos de doenças atinentes ao exercício da profissão, é cada vez mais corriqueira a reclamação de gestores quanto à falta dos profissionais ao trabalho, que na esmagadora maioria dos casos se deve a motivos de doença.” (pág.517)

O debate sobre essa temática parece estar mais adiantado que as políticas públicas que deveriam neutralizar o surgimento dessas doenças. No geral, esse é o cenário que encontramos quando retornamos a escola no papel de estagiário, papel este, que nos permite contemplar duas perspectivas: A do professor e a do aluno. Dois segmentos tão próximos e ao mesmo tempo tão distantes que ocupam o mesmo espaço (estrutura física da escola) que deveria evoluir assim como os sujeitos que o ocupam.

O sonho de qualquer estagiário é torna-se aquilo para que tanto estuda na Universidade, e no nosso caso é torna-se professor, mas, o incentivo que recebemos por parte de alguns dos nossos mestres na academia não é igual ao que recebemos na escola. Poucos são os que ficam felizes por termos escolhido o mesmo trajeto que eles escolheram, me recordo que apenas uma professora declarou que ficou feliz por ver um de seus ex-alunos ter escolhido a docência como profissão.

Mas, no geral, às frases que ecoaram durante este período de observação foram: **“O mundo da educação é gratificante, mas é rodeado de sofrimento”** ou **“...faça um mestrado, porque aqui não tem futuro”**. Esse discurso foi o que considerei as “boas vindas” que meus futuros colegas de profissão me desejaram.

Em conversas informais na sala dos professores foi possível perceber que alguns, sobretudo os que estão a mais tempo na profissão já estão cansados e desmotivados como

é o caso de uma professora que chamaremos de **A**² “[...] graças a Deus a aula acabou... eles estão impossíveis hoje”. Outra professora que chamaremos de **B**³ concordou com as afirmações da professora **A** “[...] na minha eles só se acalmaram quando falei que ia contar os vistos para nota, quem estava cabulando aula perdeu”.

Não vemos esse desapontamento com os alunos apenas entre os professores mais experientes, os jovens também expressam em suas falas o quanto estão desmotivados como é o caso da professora **C**⁴ “... eu não perco mais tempo pedindo para que eles prestem atenção na aula, só posso ajudar quem quer ser ajudado”. “Como eles estão hoje?”.

No caso dessa jovem professora **C** e de alguns outros mais experientes, pude identificar alguns sinais da síndrome de *Burnout*, como se não desejassem está naquele local de trabalho. De acordo com Carlotto (2002) esta síndrome é ocasionada por:

(...)estresse de caráter persistente vinculados a situações de trabalho, resultantes da constante e repetitiva pressão emocional associada com intenso envolvimento com pessoas por longos períodos de tempo, *Burnout* em professores afeta o ambiente educacional e interfere na obtenção de objetivos pedagógicos[...]. (CARLOTTO, 2002, P. 1).

Diversos fatores pode levar o profissional a desenvolver esta síndrome, sobretudo por eles estarem atuando com uma carga horária de trabalho elevada, já que a maioria ensina em outras escolas e sofrem pressões de todos os lados, no entanto, o que pode ser considerado como fator principal é seu relacionamento com os discentes.

Relação Professor-Aluno

Com relação aos professores de Geografia, os quais observei sua prática, rememoro que ambos possuíam um excelente domínio de conteúdo, assim como, demonstraram ter uma boa relação com a “maioria” dos alunos, já que os mesmos utilizaram a aula expositiva dialógica que segundo Freire e Shor (1986) apud Lopes (2011) o ensino dialógico se contrapõe ao ensino autoritário, transformando a sala de aula em ambiente propício à reelaboração e produção de conhecimentos.

Salve algumas exceções, os alunos se mostraram bastante participativos quando o conteúdo trabalhado era associado a seu dia-a-dia ou saía de uma forma abstrata e passava a ter sentido real. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) é fundamental que a vivência do aluno seja valorizada e que ele possa perceber que a

² Letra atribuída ao professor(a), visando manter o anonimato de sua identidade.

³ Letra atribuída ao professor(a), visando manter o anonimato de sua identidade.

⁴ Letra atribuída ao professor (a), visando manter o anonimato de sua identidade.

Geografia faz parte do seu cotidiano, trazendo para o interior da sala de aula, com a ajuda do professor, a sua experiência (BRASIL, 1998).

A importância dessa associação ficou mais clara no ensino fundamental, quando a professora citou exemplos sobre a influência que Campina Grande –PB exerce nas cidades circunvizinhas quanto a disponibilidade de serviços. Um ponto positivo que destaco na prática da professora é que ela consegue criar uma interação boa entre estagiário e a turma fazendo nos sentir como parte integrante e não como um objeto estranho naquele espaço.

Um ponto que considerei positivo na prática do professor do ensino médio é que ele não se prende a roteiros, e sempre que necessário aborda e debate com os alunos alguns temas transversais, além de incentivá-los a serem cidadãos críticos, e a não se deixarem influenciar por tudo que ouvem. Recordo-me que em uma de suas falas ficou claro seu ponto vista: **“Você não aprende Geografia só nos livros, a geografia está em todos os lugares, basta que você saiba interpretar seu cotidiano, no seu bairro, na sua cidade [...]saber interpretar o mundo”**.

Com relação ao uso de recursos didáticos o mesmo restringiu-se ao livro, usado como roteiro de conteúdo, atividades e material ilustrativo. Acredito que este seja um ponto a ser melhorado, não mais, a aula resume-se a essa metodologia.

Análises e observações com os discentes

De modo geral, as observações realizadas com os alunos do ensino fundamental e do médio se mostraram razoavelmente eficazes para revelar qual o perfil do alunado da referida escola.

Percebi que a maioria está ali em busca de uma perspectiva positiva de futuro, mas é claro que nem todos tendem a ter esta mesma linha de raciocínio. No caso dos alunos do ensino fundamental, por serem mais novos tendem a ser mais indisciplinados, enquanto que os do ensino médio são um pouco mais concentrados nas aulas, obviamente que há uma variação de comportamento de uma turma para outra.

Os casos de indisciplina que se apresentaram no decorrer do período de observação foram resolvidos pela coordenadora pedagógica, que pode dá ao aluno desde uma advertência até entrar em contato com pais para solicitar sua presença na escola. De certa forma, pode-se dizer que as normas da escola não tendem a ser ríspidas com os alunos.

Para escolha dos alunos a serem observados utilizou-se o critério de postura e participação em sala de aula. Foram escolhidos uma aluna no 8º A manhã, uma aluna no 6º B manhã, um aluno no 3º C manhã e uma aluna no 2º D manhã.

A aluna do 8º ano A era bastante participativa nas aulas e demonstrava que estudava o conteúdo presente no livro didático para que no momento que a professora estivesse explicando o assunto, ela pudesse tirar suas dúvidas (chamarei ela de **R**). Tive a oportunidade de conversar com ela antes do início da aula e a mesma me relatou que a escola necessitava de uma reforma, pois a porta da sala já não possuía maçaneta e apresentava algumas partes danificadas.

Em outro momento, no decorrer da aula ela me disse que a maioria de seus colegas tinha dificuldade para responder as atividades porque não estudavam e nem tão pouco procuravam prestar atenção na aula. E isso foi corroborado durante as observações realizadas.

Enquanto **R** é participativa e aplicada a aluna do 6º B que (chamarei de **S**) é o oposto. Impulsiva e indisciplinada são alguns “atributos” observados na aluna **S**, durante as aulas lembro que enquanto a professora explicava o conteúdo ela ficava brincando com o celular e conversando com sua “amiga inseparável” rindo dos colegas ou tentando atrapalhar jogando bolinhas de papel nos colegas. Conduzia a turma da desordem, e sempre que podia cabulava a última aula. Pelo que constatei ela assumiu esse posto quando o antigo dono desse “título” decidiu abandoná-lo. Ele era e talvez ainda seja um adolescente “problemático”, mas que depois de muita conversa com a coordenadora pedagógica começou a mudar sua mentalidade o incentivando a fazer as atividades e estudar para provas.

Certo dia, a professora o parabenizou por sua nota que ainda não era a ideal, mas que representava uma mudança positiva. Ele ficou feliz por ter sido elogiado e acredito que boa parte dos alunos necessitam primeiramente de uma atenção especial, pois apenas advertências não os estimula realmente a mudar.

Quanto a aluna **S**, continuou demonstrando que não dá a mínima para as aulas. Em uma de suas falas ela confirma esta constatação “**professora me deixe**”. Em outro momento ela não retornou para a aula que continuava logo após o intervalo. No fim do horário, quando todos os alunos haviam ido embora a professora percebeu que alguém havia deixado o material na sala, antes que a professora o guardasse na secretaria a aluna chegou e quando interrogada sobre onde estava, ela respondeu “**eu estava lá fora**”.

O caso do aluno do 3º C era uma mistura do perfil dos alunos apresentado anteriormente, pois ele participava das aulas, mas de forma cômica e completamente fora

de contexto (o chamarei de **B**). Na verdade ele atrapalhava mais que contribuía, pois, enquanto o professor copiava o texto no quadro ele comentava em alto volume “**o senhor só está escrevendo arrumadinho assim porque o estagiário veio hoje**”. E quando era iniciada a explicação o mesmo continuava comentando assuntos que fugiam do tema estudado “**me passa aquela música...**” “**... tu viu o jogo?**”.

Com relação a aluna do 2º D o que me chamou a atenção foi seu desestímulo para fazer as atividades (chamarei ela de **F**). A aluna F reclamava bastante quando era necessário copiar o conteúdo e reclamava mais ainda quando era para responder as atividades.

O que concluí com as observações realizadas no ensino fundamental e no médio é que alguns problemas que existe em um, não existe no outro, ou pelo menos se tornam menos frequente. Primeiro, no fundamental os alunos são mais rebeldes e indisciplinados, enquanto que no médio essa questão é menos evidente. Segundo, observar o cotidiano de uma sala de alunos do ensino fundamental é completamente diferente de observar uma do ensino médio, pois, os alunos do ensino médio sabem se “comportar” quando estão recebendo visitas. É como se estivessem ensaiados, aparentemente todos prestavam atenção as aulas, salve algumas exceções como aqueles alunos que gostam de exibicionismo quando se veem em situações incomuns a seu cotidiano.

Por fim, considere mais “esclarecedora” a observação realizada no ensino fundamental, pois ali, tive a impressão de estar vivenciando a realidade, o dia-a-dia, de uma sala de aula e compreender como acontece as relações entre alunos e entre professor e aluno. Isso se deu é claro graças a professora supervisora que me inseriu como parte daquele grupo, como um sujeito ativo no espaço. Sousa (2010) discorre sobre isso afirmando que:

“O sujeito dentro da escola e em ação nesta, poderá identificar sua dimensão, sua organização e suas características espaciais e ambientais, a disponibilidade dos objetos e recursos destinados à leitura e pesquisa, a relação entre todos os que a frequenta e, ao final, eles produzirão impressões acerca desta, através do seu conhecimento”. (pág. 14)

Ou seja, uma observação eficaz é aquela que nos permite contemplar cenas do cotidiano, e ainda que nos permite enxergar quem é o ator por trás do personagem, pois, só assim podemos fazer uma análise do que foi observado e interpretar todas aquelas informações que tanto nos impactou.

Relato sobre a regência

Finalmente o tão esperado dia chegou. A primeira aula de um “professor em formação” e neste caso como estagiário é um teste de aptidão para decidirmos se

acertamos na escolha desta profissão ou se teremos que escolher um outro caminho profissional futuramente.

A aula ocorreu no dia 11 de abril das 07h00min às 08h20min da manhã no 8º ano A, e teve como tema: “Economia mundial”. A princípio a turma ficou agitada, pois pensaram que seria realizada no presente horário uma avaliação, mas quando expliquei que seria aula normal logo se tranquilizaram.

A professora supervisora ficou sentada na lateral esquerda da sala com a ficha de “análise do desempenho do estagiário” e não interviu em nenhum momento da aula, e para os alunos se ausentarem da sala tinham que pedir minha permissão.

Depois que montei o equipamento de Datashow que fora utilizado para expor alguns pontos do conteúdo como imagens e tópicos a serem debatidos iniciei a aula. Primeiramente fiz uma sondagem para saber o que eles entendiam do tema, o silêncio tomou a sala até que a aluna **R** disse que era **“o mercado de venda dos produtos produzidos no mundo”**.

Eu considerei a resposta dela e expliquei do que se tratava mais especificamente, antes de passar para o slide que continha uma imagem da Terra cercada por vários tópicos relacionados a globalização. A partir daí expliquei tópico por tópico abrindo espaço para que eles tirassem suas dúvidas.

Para minha surpresa, boa parte dos alunos participaram, pois utilizei o mesmo método que a professora realizava com eles, aproximei o tema estudado de uma realidade mais próxima o possível do cotidiano deles.

O que considerei um ponto positivo foi a interpretação das imagens pois foi possível verificar quais os conhecimentos prévios eles possuíam. Procurei contextualizar o conteúdo com algumas figuras que despertasse a curiosidade e o debate. Foi gratificante ver uma aluna que sempre chegava atrasada e não participava das aulas interagindo, tirando dúvidas e até mesmo respondendo há algumas questões que levantei no decorrer da aula.

Terminado a exposição teórica é chegado a hora de explicar a atividade previamente combinada com a professora para aplicar uma atividade valendo 2,0 pontos para ajudá-los na nota da prova.

A atividade baseada no que foi exposto e discutido em sala e, subsidiado por dois textos bases, consistiu na resolução de duas questões interpretativas que contemplavam os conteúdos chaves do tema, 60% conseguiram responder coerentemente enquanto que os outros 40% divergiram um pouco do esperado. Considerei minha primeira regência como uma porta para docência.

Considerações Finais

Como forma de análise do nosso futuro ambiente de trabalho, e das relações que vivenciaremos no mesmo. O estágio supervisionado é responsável por nos introduzir a prática docente, mesmo que ainda de forma limitada, mas, capaz de nos levar momentaneamente a vivenciar o cotidiano de uma sala de aula.

Observar a prática do professor é sem sombra de dúvida uma “inspiração” para nós futuros profissionais dessa área, contudo, é lamentável a fragmentação da estrutura no qual os educadores trabalham, assim como, o desinteresse dos alunos pelas aulas.

Quanto a relação professor aluno, ainda podemos considerá-la parcial, pois às vezes ela é “tensa” e em outros momentos até amigável, depende muito do profissional e do perfil dos alunos. É uma relação mútua se uma parte não quiser contribuir o processo ensino aprendizagem não acontece. Por enquanto, ficou a impressão de que cada profissional adota sua própria metodologia de trabalho, e que muitas vezes não se encaixam em rótulos pré estabelecidos.

Por fim, foi uma experiência gratificante, pois passamos quatro anos em uma graduação ambicionando chegar a uma sala de aula como professor, analisamos e até experimentamos como é estar à frente de uma turma. Enfim, o estágio supervisionado é uma prévia do que nos espera pela frente.

Referências

BARBOSA, Ana Dayanne Silva; LIRA, Sonia Maria de. **O estágio supervisionado na formação docente de geografia: uma experiência vivenciada na escola deputado Carlos Pessoa Filho**. Campina Grande.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia (3º e 4º ciclos do ensino fundamental)*. Brasília: MEC/ SEF, 1998.156 p.

CARLOTTO, Mary Sandra. **A Síndrome de Burnout e o trabalho docente**. Maringá: UFB, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza - **Formação Inicial e continuada em Geografia: Trabalho Pedagógico, metodologias e (re) construção do conhecimento**. In. Formação de professores: reflexões do atual cenário sobre o ensino de Geografia. (2008)

CAVALIERE, Gláucia de Cássia M.S: **Inter-relação entre espaço escolar e currículo**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/espacoeducacao/files/2009/11/cc07_3.pdf>. Acesso em 18/05/2016.

Revista Retratos da Escola. Brasília, v. 6, n. 11, p. 517-520, jul./dez. 2012 - **Condições de trabalho e saúde dos profissionais da educação**. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>

JANUÁRIO, Gilberto. **O Estágio Supervisionado e suas contribuições para a prática pedagógica do professor**. 2010. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Artigo_Gilberto_06.pdf> acesso em 18/05/2016

LOPES, Antônia Osima– **Aula Expositiva: Superando o Tradicional**. In: VEIGA, Ilma P. Alencastro, et.all. *Técnicas de Ensino: por que não?* Campinas, SP.: Papirus, 2011, p.45. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

NETA, Maria da Paz Ramos, et. all. **Estágio em Geografia: Teoria e Prática na Formação de Professores**.

RAMOS, Marta Gonçalves da Silva. **A Importância dos Recursos Didáticos para o Ensino da Geografia no Ensino Fundamental nas Séries Finais**. Brasília 2012.

SOUZA, Jamine Krause de - **Escola: espaço onde as relações interpessoais e pedagógicas acontecem/** Jamine Krause de Souza. – Salvador, 2010. 93f.